

FIESP registra desaquecimento e alerta para as pressões de custo

por Fernando Canzian
de São Paulo

Os dois principais indicadores de atividade da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), mostram que a economia brasileira caminha rapidamente para uma recessão, que pode não significar, a despeito da redução da atividade industrial, estabilidade ou queda de preços. A avaliação é dos empresários da Federação.

O primeiro destes indicadores, o INA, mostra que a indústria alcançava em janeiro deste ano um índice positivo de 6,2% sobre o dado de janeiro de 89, que foi de - 4,2%. Este índice subiu a 7,1%, em fevereiro deste ano e começou a despencar em março, quando caiu a 2,2%, ainda positivos e a - 2,3% em abril.

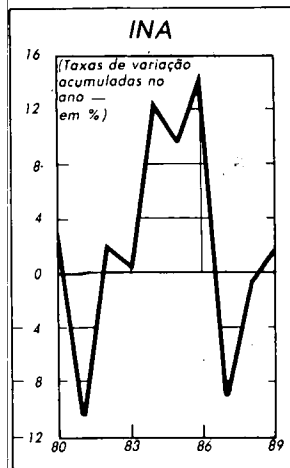
Já a taxa de desemprego demonstra uma forte e rápida tendência para a recessão. O índice de desemprego da indústria paulista no mês de maio, por exemplo, apresentou queda de 2,38%, o que significou a demissão de 47.447 trabalhadores, superando a

maior taxa já registrada pela FIESP, de abril de 1981 — época em que o País vivia uma profunda recessão — quando as demissões somaram 46.300, ou - 2,2%. (Ver página 10) O número de trabalhadores demitidos nos primeiros cinco meses deste ano (163.357) já soma mais que a metade das demissões efetivadas durante os doze meses de 1981 (284.400 no total).

“Por estes dados, já estamos em recessão. Se ainda não estivermos, poderemos dizer que a indústria caminha rapidamente — numa velocidade superior ao que ocorreu em 1981 — para ela”, avalia o diretor do Departamento de Documentação e Estatísticas da FIESP, Carlos Eduardo Uchôa Fagundes.

Uchôa acredita, no entanto, que este aprofundamento da recessão pode não ser eficiente no combate às elevações de preços. “Os custos fixos das empresas começam a se diluir em um número menor de produtos produzidos e vendidos, e isto agrava a situação dos preços”, diz.

O empresário Carlos Tabacow, diretor da empresa



Fonte: Fiesp e Centro de Informações da Gazeta Mercantil

do segmento de carpetes e tapetes Tabacow, afirma que a recessão poderá diminuir as vendas de tal modo que as empresas terão que compensar seus custos em aumentos de preços. A Tabacow, segundo ele, já computa uma considerável diminuição em seu faturamento em face das vendas menores.

Sérgio Luiz Bergamini, empresário que atua no segmento industrial de pa-

pel e papelão, e na diretoria do departamento de Economia da FIESP, disse que além das pressões para aumentos de salários, as empresas estão convivendo com uma série de pressões de custos, principalmente do rescaldo dos ajustes das tarifas públicas anteriores ao plano de estabilização, e alinhamentos de preços anteriormente controlados pelo governo. “E a recessão não segura estes aumentos. Ela cria algo pior, a estaginação”, diz Bergamini.

Walter Sacca, da Holstein — Kapperp, indústria de máquinas, e da diretoria da FIESP, afirma que tendem a ser menores as pressões de custos nas empresas diante de um desaquecimento da economia, mas concorda, contudo, que as empresas adequem seus níveis de produção de acordo com a demanda do mercado, o que pode dificultar quedas de preços. “Desde a adoção do plano, em 28 setores que estamos consultando, 22 diminuíram o nível de produção, três mantiveram estável e apenas três aumentaram a produção”, diz.